

# #BelaRecatadaEDoLar: uma reflexão sobre questões de gênero implicadas no processo de rejeição e de destituição da Presidenta Dilma Rousseff

Mariana Jantsch de Souza\*

## Resumo

Neste texto, procuramos discutir um dos desdobramentos do que chamamos de processo político, jurídico e social de rejeição e de destituição da Presidenta Dilma Rousseff. O foco dessas reflexões são as questões de gênero aí implicadas. Queremos, com essa leitura ancorada na teoria de Michel Pêcheux, observar certos elementos de práticas discursivas que materializam o referido processo. São elementos que revelam como se instauram as relações de gênero e seus efeitos no que tange ao acesso e à atuação feminina nos espaços de poder. Sustentamos, como nossa hipótese de trabalho, que um dos fatores atuantes nesse processo e determinantes para o desfecho que vivenciamos diz respeito às relações de gênero, pois, da forma como estão instituídas, insistem na masculinização dos espaços de poder. Em razão disso, para desenvolver essas reflexões, detemo-nos na análise de elementos discursivos que buscam promover movimentos de desqualificação da Presidenta e de deslegitimação do exercício do poder pela mulher. Estamos nos referindo a práticas que podem ser sintetizadas na fórmula #BelaRecatadaEDoLar e seus desdobramentos. Tal fórmula revela, ainda, o papel protagonista que a mídia assumiu nesse contexto, conduzindo os processos de significação em direção ao desfecho político ao qual chegamos, seja pelo excesso de repetições, seja pelo modo de significar a mulher.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Democracia. Mulher. Espaços de poder.

## #BelaRecatadaEDoLar: a reflection on gender issues implied in the process of rejection and dismissal of President Dilma Rousseff

### Abstract

In this text, we attempted to discuss one of the consequences of what we call the political, legal and social process of rejection and dismissal of President Dilma Rousseff. The focus of these reflections is the gender issues implied therein. We want, with this reading anchored in the theory of Michel Pêcheux, to observe certain elements of discursive practices that materialize the described process. These are elements that reveal how gender relations and their effects are established with regard to women's access to and participation in power spaces. We maintain, as our working hypothesis, that one of the factors acting in this process and determinant for the outcome we are experiencing concerns gender relations, because in the way they are instituted, they insist on the masculinization of power spaces. Therefore, in order to develop these reflections, we focus on the analysis of discursive elements that seek to promote movements of disqualification of the President and delegitimation of the exercise of power by women. We are referring to practices that can be synthesized in the formula #BelaRecatadaEDoLar and its consequences. This formula also reveals the leading role that the media has assumed in this context, leading the processes of signification towards the political outcome that we experience, either by the excess of repetitions, or by the way of defining the woman.

Keywords: Discourse Analysis. Democracy. Woman. Spaces of power.

Recebido: 26/02/2018

Aceito: 20/06/2018

---

\* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSul, Campus Gravataí-RS), doutora em Letras, professora.

## Considerações iniciais

Este texto constitui o último momento de análise do que estamos entendendo de forma ampla como “processo político, jurídico e social de rejeição e de destituição da Presidenta Dilma Rousseff”. Compõem esse processo dois movimentos distintos: rejeição/destituição e resistência. O primeiro, iniciou-se com a repercussão do resultado da eleição presidencial e seus efeitos perduraram ao longo de todo processo referido. Essa rejeição intensificou-se e desdobrou-se em movimentos de destituição, materializados no binômio *golpe/impeachment* e nas expressões “Tchau, Querida” e “Bela, recatada e do lar”. Em contrapartida a esse discurso anti-Dilma, surge um discurso de resistência, buscando fazer frente à intolerância subjacente aos movimentos de rejeição e de destituição. Sendo assim, nosso exercício de análise recai sobre práticas discursivas que materializaram o referido processo, tendo como aporte teórico a Teoria do Discurso proposta por Michel Pêcheux — Análise de Discurso (AD).

Neste texto, detemo-nos na fórmula #BelaRecatadaEDoLar, visando a analisar os movimentos de rejeição/destituição e de resistência, bem como as questões de gênero aí implicadas. Ressaltamos que tais questões entraram em nosso horizonte de reflexões a partir de uma pesquisa sobre igualdade, sobre visões hierarquizadas da sociedade materializadas no discurso (observadas no modo como foi significado, por uma parcela da população brasileira, o resultado eleitoral e na intolerância ao outro e à diferença posta em movimento nesse discurso).

A discussão que empreendemos nos conduziu a pensar sobre viver junto em meio às diferenças (TOURAINÉ, 1998); a (re)pensar a organização social em que vivemos, baseada numa hierarquização em que, com o jeitinho brasileiro, vive-se a hierarquia das relações sociais como se todos fossem iguais, mas desde que cada um saiba o seu lugar (especialmente as mulheres), conforme explica Roberto DaMatta (1986; 1997), estudioso da “sociologia do dilema brasileiro”.

Nesse contexto de trabalho, entendemos que pensar sobre gênero é um desdobramento das questões sobre (des)igualdade e democracia. Tratar das relações de gênero implicadas no processo de rejeição e de destituição da primeira Presidenta é refletir sobre o modo como são instauradas as relações de poder, o acesso e a atuação feminina nos espaços de poder.

Sustentamos, como nossa hipótese de trabalho, que um dos fatores atuantes nesse processo e determinantes para o desfecho que vivenciamos diz respeito às relações de gênero, pois, da forma como estão instituídas, insistem na masculinização dos espaços de poder. Significam a mulher e o seu papel na sociedade na direção do conservadorismo de gênero. Foi a partir desse panorama que surgiram discursos que desqualificam a Presidenta Dilma Rousseff pelo viés do gênero, deslegitimando-a.

### 1 Sobre AD e gênero

Nesta pesquisa, assumimos como posição teórica a AD de tradição pecheuxtiana. Trata-se de uma teoria interpretativa com uma abordagem específica: busca descrever e compreender a linguagem em funcionamento considerando a relação língua-história-ideologia. É dizer: Michel Pêcheux institui uma teoria que se propõe a pensar a determinação histórica dos processos de significação.

Diante desse panorama teórico, o analista assume a tarefa de compreender o funcionamento da linguagem em uso, atentando para as relações extralinguísticas observáveis na materialidade linguística. Isso significa considerar a natureza sócio-histórica de todo o dizer, pois “o discurso é um objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como pressuposto”. (ORLANDI, 2013, p. 16).

É a partir dessa forma de conceber a língua e a linguagem que, neste texto, analisamos certos elementos de práticas discursivas que materializam o processo de rejeição e de destituição de Dilma

Rousseff e que permitem observar como as questões de gênero atuam em prol dos movimentos anti-Dilma.

Como essa proposta de análise busca unir reflexões sobre discurso e gênero em uma sociedade patriarcal, ressaltamos como tais termos são entendidos. Patriarcado, para essas reflexões, é uma forma específica de organização das relações sociais baseada na dominação do masculino sobre o feminino (MIGUEL; BIROLI, 2014; DELPHY, 2009). Gênero é aqui tomado como um construto social que se refere à aquisição da masculinidade e da feminilidade (JUTEAU, 2009). Retomaremos e aprofundaremos tais noções ao aplicá-las em nossas análises.

Para construir esse gesto de análise, configuramos os discursos em pauta em duas formações discursivas (FDs) antagônicas. Primeiramente, FD1, nomeada anti-Dilma, é considerada representativa de um discurso de não aceitação da diferença, posicionando-se contra a reeleição de Dilma Rousseff e contra seus supostos eleitores. Observamos, nesse processo discursivo, os movimentos mais intensos de rejeição e de destituição aí produzidos. Em oposição, temos a FD2, nomeada pró-Dilma, considerada representativa de um discurso favorável à reeleição de Rousseff e de não aceitação das práticas discursivas inscritas no âmbito da FD1. Nesse domínio de saber, observamos os movimentos de resistência ao discurso da FD1 (anti-Dilma).

## 2 #BelaRecatadaEDoLar: um gesto de análise

Em 17 de abril de 2016, na Câmara dos Deputados, o pedido de *impeachment* foi votado e aprovado. Nesse dia, começou oficialmente o processo político-jurídico contra Dilma. No dia 18 de abril de 2016, a revista **Veja** publicou seu número semanal com uma matéria intitulada “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’”.<sup>1</sup> A reportagem inicia com uma foto de Marcela e, no plano de fundo, o enunciado “como será”.

Imagem 1 - #BelaRecatadaEDoLar



Fonte: LINHARES, 2016.

<sup>1</sup> Cf. <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>.

A partir dessa matéria, surgiu a *hashtag* #BelaRecatadaEDoLar, inserindo-se, inicialmente, no domínio de saber da FD1. A revista, ao traçar um perfil da esposa do Vice-Presidente da República como sendo “bela, recatada e do lar”, põe em funcionamento todo o imaginário machista sobre o feminino, sobre uma determinada imagem de mulher e de seu papel em sociedade. Nesse contexto de produção, o ideal feminino é ser bela, recatada e do lar: essas são a característica, a postura, o papel e o lugar que cabe ao feminino. Nesse imaginário, o espaço próprio e natural da/para a mulher é o ambiente privado, enquanto que o espaço próprio do/para o masculino é a esfera pública (âmbito em que se exerce o poder). Sendo assim, não cabe à mulher o espaço público, portanto, não cabe a ela o exercício do poder, que é da ordem do público e do masculino. Trata-se de um discurso regulado por uma formação ideológica conservadora e machista, que anuncia que, no futuro (“como será”), o feminino corresponderá ao ideal e tradicional “bela, recatada e do lar”.

Para essa discussão, entendemos a dicotomia público/privado a partir das considerações de Hannah Arendt (2014), em **A condição humana**. A filósofa aborda a relação entre público e privado em um percurso histórico desde a tradição grega até a modernidade. Com o surgimento da cidade-estado, Arendt esclarece que “o homem recebera, além de sua vida privada, uma espécie de segunda vida, o seu *bios politikos*”, trata-se da esfera do próprio (*idion*) e do comum (*koinon*) (ARENDR, 2014, p. 33). Há, então, duas esferas em que se desenvolve a vida ou atividade humana: a pública e a privada.

A autora introduz as três categorias fundamentais da atividade humana: labor, trabalho e ação, as quais se realizam pública ou privadamente. A esfera pública está associada ao político e à *polis*, enquanto o privado está ligado ao doméstico e à família. A ação política é da ordem do público: “dá-se publicamente e abre espaço à liberdade, ao passo que o labor está relacionado com a necessidade das exigências da natureza que se verificam privadamente” (FRY, 2010, p. 67).<sup>2</sup>

O termo público relaciona-se a dois fenômenos: a ideia de publicidade e a de coisa comum (de todos). Interessa-nos a segunda perspectiva, em que o público se refere ao que é comum a todos os indivíduos (ARENDR, 2014, p. 62). Para a autora, o público (ação política) também se relaciona ao discurso: “o ser político, o viver na *polis*, significava que tudo era decidido mediante palavras e persuasão, e não através da força e ou violência”. (ARENDR, 2014, p. 35). É o discurso que introduz o homem na esfera pública: “é com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano; e esta inserção é como um segundo nascimento”. (ARENDR, 2014, p. 189). Ao inserir-se no âmbito coletivo/público da vida humana, o homem alcança a liberdade: “Arendt crê que, por meio da ação, os seres humanos manifestam sua liberdade, o que contrasta com as necessidades de laborar e com a utilidade do fabrico que nos são impostas (trabalho). A meta da política é a liberdade [...]” (FRY, 2010, p. 72).

De outro lado, a esfera privada surge do termo privação, no sentido de privar-se daquilo que é comum. No âmbito do privado, que é tido como pré-político ou precondição para a vida pública, dão-se as relações íntimas, regidas pela vontade do chefe da família (ou *pater familias*), não havendo, originalmente, igualdade e liberdade nesse espaço (ARENDR, 2014, p. 41).

O privado, enquanto privação, é o espaço feminino por natureza, pois a mulher é privada/excluída da esfera pública, da vida política no sentido de Arendt. Em consequência, a liberdade que a vida pública proporciona não atinge a mulher. Em essência, a distinção entre público e privado pode ser resumida na relação entre o âmbito da família (o privado) e o âmbito da vida/ação política (o público).

No mesmo sentido de Arendt, Sofia Aboim (2012), ao abordar a dicotomia público/privado diretamente em relação às questões de gênero, ressalta que a distinção entre essas esferas constituiu uma das dinâmicas fundamentais da sociedade moderna. E, nessa dinâmica de diferenciação, a mulher foi associada (de forma restritiva) à esfera privada (ABOIM, 2012, p. 97). A ordem de gênero é tida como o processo de dominação do masculino sobre o feminino e também se inscreve na diferenciação

2 Karin A. Fry, na obra **Compreender Hannah Arendt**, apresenta o pensamento de Arendt aos leitores iniciantes, buscando oferecer uma visão panorâmica da obra da filósofa. A obra de Fry propõe uma introdução clara, objetiva e acessível ao pensamento político de Arendt.

entre público e privado, a qual “serviu, de facto, para afastar homens e mulheres, delimitando-lhes espaços e funções sociais” (ABOIM, 2012, p. 97). Nessa ordem, igualdade e liberdade são frutos da esfera pública, concretizam-se na vida pública, ponto em que convergem as considerações das autoras citadas.

No contexto dessas discussões, #BelaRecatadaEDoLar faz emergir essa dicotomia e a faz operar na direção da ordem de gênero, pois determina o lar como o espaço próprio para a mulher (bela e recatada) que vai ocupar o lugar institucional de primeira-dama e, assim, fazer voltar à normalidade essa ordem de gênero. Essa expressão utilizada pela revista **Veja** retoma um certo padrão de mulher, atualizando saberes machistas e conservadores, desde sempre em circulação, que impõem e naturalizam um certo modo (restritivo) de ser mulher.

Estamos tomando o termo gênero como um construto social que se refere à aquisição da masculinidade e da feminilidade (JUTEAU, 2009). Ou seja, o termo “designa o significado social, cultural e psicológico imposto sobre a identidade sexual e biológica. [...] tem a vantagem prática de nos permitir falar tanto sobre mulheres quanto sobre homens” (FUNCK, 1994, p. 20). Essa forma de pensar o gênero coaduna-se com outras questões próprias da Análise de Discurso, pois

[...] conforme o feminismo marxista, o gênero não existe fora de um contexto ideológico, *não podendo ser tratado como uma categoria isolada, e sim como parte de um processo de construção social e cultural*. Além disso, o gênero trata não apenas de uma questão de diferença, que pressupõe simetria, *mas de uma questão de poder; onde nos deparamos com assimetria e desigualdade, com a dominação do feminino pelo masculino* (FUNCK, 1994, p. 20-21, grifos nossos).

Dessa forma, quando tratamos de gênero nessas reflexões, referimo-nos à construção sócio-histórica de determinado padrão masculino e feminino de comportamento, perpassado pela dominação do primeiro sobre o segundo. Por isso, trata-se de uma questão de poder e de (des)igualdade. Decorre daí a imposição de um certo espaço, função e papel social como próprios (e naturais) para o masculino e para o feminino, delimitados de forma restritiva (com ares coercitivos).

Voltando à matéria da **Veja**, o perfil traçado de Marcela Temer e todo o movimento de saberes interdiscursivos que produz vêm acompanhados do enunciado “como será”. Trata-se de um enunciado afirmativo, sustentado numa certeza: não há dúvidas de que Marcela Temer será efetivamente (e, quiçá, definitivamente) primeira-dama. No entanto, na época da veiculação da matéria, Michel Temer sequer era Presidente interino, pois o afastamento de Dilma ainda não tinha sido determinado pelo Senado. O esposo de Marcela só seria empossado interinamente como Presidente quase um mês depois, em 12 de maio. Ainda assim, a situação e a posição de Michel Temer e de Marcela Temer seriam juridicamente provisórias, não permitindo um juízo de certeza tão categórico naquele momento (na data da veiculação da revista). Logo, essa certeza não se funda nesse detalhe de ordem jurídica.

O enunciado também funciona sinalizando o “como será” quando tivermos uma primeira-dama, pois com Dilma não tínhamos, já que era a mulher quem ocupava o poder, ficando vazio o lugar de primeira-dama. Considerando suas condições de produção, “como será” pode ser interpretado como a certeza da retomada da ordem de gênero, como a volta do feminino para o seu lugar de coadjuvante, não detentor de poder e, como consequência, a volta do masculino para o lugar de poder (a presidência da República). Um aspecto da língua que corrobora esse funcionamento é o fato de que não há primeiro-senhor, como masculino para primeira-dama: trata-se de um lugar exclusivamente feminino. Indica a naturalização da ordem de gênero: mulheres não devem acessar espaços de poder, pois seu espaço é o ambiente privado (o lar).

Então, parafrasticamente, da perspectiva do discurso da FD1, o enunciado pode ser compreendido:

- Como será quando as mulheres retornarem para o seu espaço, para o lugar de onde não deveriam ter saído: #BelaRecatadaEDoLar.

• Como será quando a ordem social retomar sua ordem tradicional, machista, conservadora: teremos um Presidente e uma primeira-dama #BelaRecatadaEDoLar.

Teremos mulheres belas, recatadas, do lar e sem acesso ao poder, o qual voltará a ser masculino. Diante desse movimento de sentidos produzido pelo discurso da FD1, entendemos que a expressão em pauta funciona opondo duas imagens do feminino: a mulher que está no poder (Dilma) e a mulher que ocupará o espaço de primeira-dama. São dois perfis femininos: a mulher que fica restrita à esfera privada e a mulher que ousa ocupar espaços de poder na esfera pública. Essa oposição ancora-se num juízo de valor em que uma imagem é construída como sendo a ideal e a que todas as mulheres deveriam almejar, pois deveria ser a única opção para as mulheres. Mas temos mulheres que subvertem essa ordem e, por isso, são rejeitadas. Essa oposição entre as imagens do feminino deslegitima mulheres que não seguem a postura, o papel e a função social impostos ao feminino pela ordem de gênero. Deslegitima, portanto, o exercício do poder por Dilma Rousseff.

Nesse processo de significação, entendemos que os movimentos de rejeição à Presidenta passam, sim, pela questão de gênero, pois o funcionamento da expressão “bela, recatada e do lar” é perpassado por um imaginário sobre o feminino que impõe certos padrões sociais às mulheres, ditando o que podem ou não fazer, como devem ou não se comportar, os espaços que lhes cabem e os que não devem acessar. Nesse processo discursivo, o feminino é significado em oposição ao masculino.

#BelaRecatadaEDoLar, em suas condições de produção, busca enaltecer uma certa imagem feminina: a mulher que ocupará, em breve, um lugar de destaque na organização institucional e política da nação, mas não um lugar de poder. Nesse imaginário, a mulher pode ocupar espaços de destaque, desde que sem poder e como coadjuvante em relação a uma figura central masculina (nesse caso, o Presidente da República).

Em nosso entender, essa *hashtag*, ao opor as duas imagens de mulher envolvidas no processo de rejeição e de destituição da Presidenta, toma como alvo Dilma Rousseff. #BelaRecatadaEDoLar não é para falar sobre Marcela Temer, é para deslegitimar Dilma, é para intensificar os movimentos de rejeição. É para lembrar o espaço que cabe ao feminino na estrutura social e fazer do perfil de Marcela Temer um espelho do que todas as mulheres devem ser (belas, recatadas e do lar, o que, nesse contexto, significa ser apenas primeiras-damas). Ao delimitar o que deve ser, indica, por via de consequência, o que não deve ser: Presidenta.

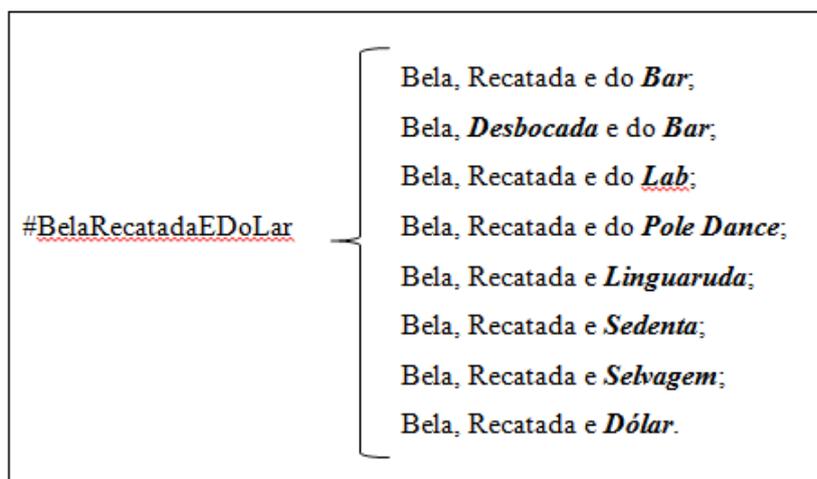
Não se trata, portanto, de uma simples matéria sobre a esposa do Vice-Presidente da República. Não se trata de levar ao conhecimento do público a figura de Marcela Temer. Trata-se de opor duas imagens de mulher e impor a reprodução de um padrão feminino (machista e conservador).

De outro lado, logo foram produzidas muitas respostas<sup>3</sup> no âmbito do processo discursivo da FD2, a partir da apropriação da expressão que surge no domínio de saber antagônico. Assim, a fórmula “bela, recatada e do lar” desloca-se da FD1 para a FD2 e passa a produzir aí sentidos diametralmente opostos. Uma vez apropriada pelo discurso de resistência da FD2, a fórmula original passa por alguns deslizos; para explicitar tal processo e analisar o efeito metafórico (e os deslizos) aí presente, apresentamos alguns enunciados, com grifos nossos:

---

3 Cf. <<http://www.vix.com/pt/bdm/comportamento/somos-todas-recatadas-so-que-nao-materia-polemica-e-bombardeada-de-fotos-ironicas>>; <<http://piadasnerds.etc.br/bela-recatada-e-do-lab/>>.

Quadro 1 - #BelaRecatadaEDoLar e reações<sup>4</sup>



Fonte: Elaborado pela autora.

Outras respostas partiram do enunciado “Eu sendo #BelaRecatadaEDoLar”, constituídas por imagens de mulheres realizando ações não indicadas para o feminino no imaginário machista, tais como: fumando, bebendo, dançando *pole dance*, beijando outra mulher, lutando boxe, empunhando armas, fazendo greve, bebendo com amigos homens, etc.<sup>5</sup>

Nesse movimento de sentidos, observamos deslizamentos que abrem espaço para o novo, para a (re)significação do mesmo a partir de posições de dizer diferentes e divergentes. Ou seja, trata-se de um movimento metafórico no processo de produção de sentido.

Para a AD, segundo ensina Pêcheux, metáfora significa transferência ou “tomada de uma palavra por outra”, como diz Orlandi (2013, p. 44). A partir dessa concepção de metáfora, o autor explica que:

[...] o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou uma outra proposição; e esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (*meta-phora*), pela qual elementos significativos passam a se confrontar, de modo que “se reveste de um sentido”, não poderia ser determinada por propriedades da língua (por exemplo, ligações linguísticas entre sintaxe e léxico); isso seria justamente admitir que os elementos significativos já estão, enquanto tais, dotados de sentido, que têm primeiramente sentido ou sentidos, antes de ter um sentido. De fato, *o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos), das quais certa formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões, proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem. Simultaneamente, a transparência do sentido que se constitui em uma formação discursiva mascara a dependência desta última em relação ao interdiscurso.* (PÊCHEUX, 2009, p. 239, grifos nossos).

O confronto que se instaura por meio da transferência, da superposição de elementos de saber guarda estreita relação com o interdiscurso, com a memória discursiva, com o dizível e o não dizível em certo domínio de saber. Assim, novamente, a teoria nos convoca a pensar a língua não apenas como estrutura, não apenas em suas propriedades ou funções, mas em sua relação com o histórico e o ideológico que atravessam essa estrutura no processo de produção de efeitos de sentido.

Nesse sentido, seguindo as lições de Pêcheux de que o sentido sempre pode ser outro, uma vez que todo enunciado pode ser “linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis” (PÊCHEUX, 2008, p. 53), esclarecemos como os termos deslizamento e deslocamento são entendidos em nossas reflexões. O primeiro movimento observado em nossa análise é o deslocamento, o qual diz respeito ao movimento dos sentidos para outra rede de filiações, ou seja, trata-se de um movimento

<sup>4</sup> Quadro elaborado pelo autor. Enunciados colhidos nos endereços eletrônicos apontados na nota de rodapé precedente.

<sup>5</sup> Cf. <<http://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/bela-recatada-e-do-lar-campanha-feminista-invade-as-redes-sociais>>.

produzido a partir do eixo polissêmico de funcionamento da linguagem. Aqui há ruptura com sentidos prévios para a instauração do novo no processo de significação, conforme Orlandi (2013). A autora levanta essa questão ao explicar a polissemia, entendendo que, “na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processo de significação” (ORLANDI, 2013, p. 36).

Então, no movimento de deslocamento, há uma desregularização dos sentidos que se deslocam para outro domínio de saber e passam a ser regulados por outra FD, em que os parâmetros do que pode, deve ou convém ser dito são outros. Assim, os sentidos passam a ser outros já que são produzidos em outra FD e, para retomar Pêcheux, os discursos recebem seus sentidos da FD em que são produzidos. Esse movimento é observado quando a expressão em análise é apropriada pela FD2, rompendo com os sentidos machistas que produz no âmbito da FD1, passando a produzir sentidos que interrogam as relações de gênero dominantes.

De outro lado, os deslizamentos de sentido têm relação com a metáfora discursiva — uma palavra por outra, em que a movência dos sentidos se dá ainda no eixo parafrástico de funcionamento da linguagem. Orlandi (2013, p. 79, 80, 88), por vezes, trata do deslize como deriva de sentidos ou como efeito metafórico, mas sempre o considerando um movimento parafrástico de produção de sentidos:

O ponto de partida (a, b, c, d, e, f) e o ponto de chegada (g, h, i, j, k, l), através de deslizamentos de sentidos, de próximo em próximo, são totalmente distintos. No entanto, *algo do mesmo está nesse diferente*; pelo processo de produção de sentidos, necessariamente sujeito ao deslize, *há sempre um possível “outro” mas que constitui o mesmo (o deslize de sentido de a para g faz parte do sentido de a também)*. (ORLANDI, 2007, p. 81, grifos nossos).

Indursky (2011, p. 71) fala sobre migração de sentidos, em que o deslizamento representa essa volubilidade inexorável dos sentidos. A autora explica que, pelo deslizamento, há uma espécie de reorganização interna dos saberes de uma FD, que se realiza pela migração dos sentidos para outra posição de dizer (na mesma rede de filiações).

Diante disso, entendemos que os enunciados apresentados no Quadro 1 representam movimentos de deslize que, no interior da FD2, intensificam as interrogações postas em movimento nesse domínio de saber acerca do que é ser mulher, de como a mulher deve se comportar. São questionamentos que buscam fazer frente ao discurso dominante da FD1, que responde às referidas questões de modo machista e conservador.

A metáfora, pensada a partir desse horizonte teórico, nos permite compreender que os deslizamentos, as derivas, os deslocamentos de sentidos não se realizam em qualquer direção: são regulados pelo percurso discursivo que é traçado pela FD. E o interdiscurso intervém nesse processo a partir da forma como a FD se relaciona com esse todo saturado de sentidos, ou seja, “a metáfora, constitutiva do sentido, é sempre determinada pelo interdiscurso, isto é, por uma região do interdiscurso. [...] o interdiscurso não intervém jamais como uma globalidade, um ‘todo’ gestalista onipresente em sua causalidade homogênea”. (PÊCHEUX, 2009, p. 240).

Com isso, entendemos que esses movimentos de sentido produzidos por relações metafóricas expõem o trabalho da ideologia no processo de constituição dos sentidos (ORLANDI, 2012, p. 51). Então, trabalhar com a metáfora, como categoria de análise, é mais um caminho que nos leva a cumprir com os propósitos da Análise de Discurso, ou seja, permite compreender a relação língua-história-ideologia.

Para Pêcheux (2009, p. 146), é a ideologia que fornece as evidências do sentido. A ideologia constitui-se de práticas, não se configura como a mentalidade ou espírito de uma época: são forças materiais (PÊCHEUX, 2009, p. 120, 130). Há uma ideologia dominante que controla as práticas sociais e os movimentos de reprodução/transformação das condições de produção (PÊCHEUX, 2009,

p. 132). A ideologia dominante impõe certos movimentos<sup>6</sup> ao processo de reprodução/transformação das condições de produção para manter as relações de produção existentes, ou seja, para promover a continuidade das relações de força tal como estão organizadas na formação social.

Observar a ideologia materializada no discurso é observar as relações sociais reais, as quais emergem na estrutura da língua a partir de representações imaginárias. A ideologia funciona no discurso orientando as direções da produção dos efeitos de sentido: “a ideologia é interpretação de sentidos em certa direção, determinada pela relação da linguagem com a história, em seus mecanismos imaginários” (ORLANDI, 1994, p. 57). É a ideologia que envolve o sujeito na ilusão de que os sentidos só poderiam ser como são, naturalizando certos efeitos com as evidências e transparências que fornece. Assim, observar a produção de sentido é observar o processo ideológico em pleno funcionamento: orientando o processo de significação em direção aos interesses de uma classe e não de outra.

O modo de significação da mulher, dos espaços sociais que lhe cabem e do comportamento que deve assumir socialmente, observados na expressão “bela, recatada e do lar”, quando produzida no domínio de saber da FD1, está a serviço da ideologia dominante e envolto na ilusão de que essa é a única forma possível de significação do feminino. Em oposição a esse discurso, observamos as reações provindas da FD2, que, a partir de deslocamentos e deslizamentos, buscam evidenciar o funcionamento opressor do discurso dominante, ao insistir que os espaços que cabem à mulher vão muito além da esfera privada; que o padrão de comportamento do feminino não precisa se restringir aos adjetivos bela e recatada: há um universo de outros adjetivos que também pode ser associado ao feminino.

Sendo assim, como o processo de transferência (ou metáfora) não é aleatório, é regulado pela FD em que é produzido e pelo interdiscurso, entendemos que os deslocamentos e deslizamentos de sentidos produzidos em resposta ao discurso da FD1 funcionam como um contradiscurso. Operam refutando, desconstruindo a imagem da mulher no imaginário machista. A mulher bela, recata e do lar de hoje pode fazer o que quiser, sem ser desvalorizada ou desrespeitada por isso. Ela pode ser #BelaRecatadaEDoLar dançando, saindo com amigas ou com amigos, bebendo, fumando, etc. Pode ser bela, recatada, do lar e ocupar espaços de poder, pois não está restrita ao lar.

A apropriação e a ressignificação dessa expressão, a partir de movimentos metafóricos, contrapõem-se à ordem de gênero que subjaz aos discursos que defendem e impõem um padrão feminino, uma única imagem do feminino, ditando o que a mulher pode e deve ser e fazer. O discurso da FD2 busca reformular os padrões impostos ao feminino, insistindo que mulher pode ser, sim, entre tantas outras coisas, Presidenta.

Nesse caminho de reflexões sobre questões de gênero implicadas no processo de rejeição em análise, ressoa a insistência de Dilma no uso do termo Presidenta: porque ainda é preciso enfatizar o gênero feminino, enquanto o masculino não demanda esse esforço discursivo. Porque ainda é preciso insistir em marcar a presença do feminino em espaços tipicamente masculinos, para romper a ordem de gênero, para desconstruir padrões sócio-históricos sobre os papéis sociais de cada gênero e os espaços que lhes são correspondentes. É preciso desfazer as imposições desse universo de sentido acerca do feminino e do masculino. Em razão disso, nessas reflexões, compreendemos que o uso insistente do feminino Presidenta forja-se como um movimento discursivo que busca legitimar a ocupação de espaços de poder por mulheres. Assim, o uso desse termo consolida-se como um primeiro movimento de resistência.

---

<sup>6</sup> Movimentos de repetição, apagamento, esquecimento, por exemplo, observáveis no discurso.

## Considerações finais

A partir dessas reflexões, observamos, inicialmente, o papel da mídia no processo de rejeição e de destituição da Presidenta Dilma Rousseff: impondo movimentos discursivos de rejeição ao resultado eleitoral, à Presidenta e ao exercício do poder pela mulher. Uma mídia que relembra e retoma dizeres machistas sobre a característica, o papel, a função e o lugar social da mulher. Esse discurso foi enquadrado como sendo representativo de uma formação discursiva, a FD1.

De outro lado, observamos as respostas a esse movimento discursivo iniciado pela mídia. No domínio de saber da FD2, os movimentos discursivos foram construídos sob o signo da resistência, da desconstrução, da refutação de sentidos conservadores, machistas e, ao que parece, hegemônicos. Com isso, constituiu-se um contradiscurso que, pelo excesso,<sup>7</sup> tal como ensina Ernst (2009), insiste em discursivizar saberes que buscam atribuir um novo lugar ao feminino: um lugar de liberdade e de igualdade em relação ao masculino.

Por fim, entendemos que o funcionamento dos dois discursos em pauta (FD1 e FD2) permite pensar que há, sim, questões de gênero implicadas no processo de rejeição e de destituição da Presidenta Dilma Rousseff. Sustentamos, a partir do gesto de análise apresentado, que esse foi um dos fatores<sup>8</sup> atuantes nesse processo e determinantes para o desfecho que vivenciamos, pois, da forma como as relações de gênero foram instituídas, insistiu-se na masculinização dos espaços de poder. Tais relações de gênero significaram a mulher e o seu papel em sociedade na direção do conservadorismo de gênero, e esse universo de sentidos acerca das relações de gênero emergiu nos discursos em pauta.

---

<sup>7</sup> Um excesso que opera em nível interdiscursivo.

<sup>8</sup> Ressaltamos: do nosso ponto de vista, as questões de gênero foram um dos fatores envolvidos no processo de rejeição e de destituição, mas não constituem o único fator.

## Referências

- ABOIM, Sofia. Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 344, jan./abr. 2012.
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, Helena *et al.* (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p. 173-178.
- ERNST-PEREIRA, Aracy. **A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo**. 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2014.
- FRY, Karin A. **Compreender Hannah Arendt**. Tradução de Paulo Ferreira Valério. Petrópolis: Vozes, 2010.
- FUNCK, Susana Bornéo. Da questão da mulher à questão do gênero. In: FUNCK, Susana Bornéo. (Org.). **Trocando ideias: sobre a mulher e a literatura**. Florianópolis: EDEME, 1994.
- FUNCK, Susana Bornéo. Discurso e identidade de gênero. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; SCLiar-CABRAL, Leonor. (Org.). **Desvendando discursos: conceitos básicos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. v. 1, p. 183-195.
- HIRATA, Helena *et al.* (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.
- INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY; MITTMANN; FERREIRA (Org.). **Memória na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.
- JUTEAU, Danielle. Etnicidade e nação. In: HIRATA, Helena *et al.* (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p. 90-96.
- LINHARES, Juliana. Bela, recatada e “do lar”. **Revista Veja**, São Paulo, 18 abr. 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 24 maio 2016.
- MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2013.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- ORLANDI, Eni P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Pontes Editores, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni P. Orlandi Campinas: Pontes Editores, 2008.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Tradução de Eni Orlandi *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- TOURAINÉ, Alain. **O que é a democracia?** Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1996.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes.** Tradução de Jaime A. Clasen e Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.